

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

Tema 3: A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea

Sub-tema 3a: A clínica psicanalítica e as psicoterapias, as práticas profissionais e de auto-ajuda

Projeto de uma psicanálise crítica: alguns pensamentos

introdutórios*

Emílio Modena

Resumo:

O autor, um dos fundadores do novo Seminário de Psicanálise de Zurique (PSZ), conta a experiência pessoal que o conduziu a compreender a necessidade de mudanças importantes na metapsicologia Freudiana. Além disso, pensa que um grande esforço será necessário para traduzir os diferentes dialetos da Psicanálise (como Freud, Klein, Lacan etc.) para conseguir um idioma comum fundado na experiência clínica.

Palavras-Chave: Marx, Freud, Klein, Lacan, revisão da teoria psicanalítica

I.

Nós, psicanalistas, estamos acostumad@s, com uma vasta experiência, a lidar com os preconceitos negativos; acontece de se nos apresentarem preconceitos velhos e novos dos mais variados ângulos ideológicos: se a crítica de outrora se referia ao pansexualismo, com o que tentavam nos desacreditar e assustar o público, hoje em dia- na era da desublimação repressiva- nos censuram a falta de eficiência com processos terapêuticos tão longos. Poderíamos ser tentad@s a “puxar a toalha” e voltar a uma posição defensiva por medo de perder noss@s pacientes que poderiam se ver atraíd@s para terapias rivais, por temor de perder o interesse do público face a sedução de teorias mais complacentes. Torna-se assim quase impossível suportar publicamente nossas contradições internas e simultaneamente continuar trabalhando criticamente na construção de nosso conhecimento. Ao contrário

Conferência no simpósio com os meios da Psicanálise para o 20º aniversário da Fundação para Psicoterapia e Psicanálise, Seminário Psicanalítico de Zurique, 13.11.1999. Tradução Mirian Giannella.

disso proponho uma atitude ofensiva e gostaria de começar agora mesmo, nessa época de início de um novo milênio, com a análise de um *preconceito positivo* da psicanálise. Estou convencido de que a elaboração das premissas e conseqüências desse preconceito promove nossa presença na sociedade e nos preparamos para fazer face a nossos opositores, que nos atacam à direita e à esquerda.

Posso dizer que *eu*, como muitos de minha geração, cresci com um destes preconceitos positivos. Na minha família a psicanálise era considerada uma ciência progressista e emancipadora, crítica face ao puritanismo e a dupla moral daquela época (de 1870 em diante) numa sociedade decadente, que investigava os motores inconscientes do comportamento e que iniciou um processo de educação e de elucidação sexual. Aos quinze anos, na minha busca de um *peer group* (grupo de pares) cheguei a ser membro da “Freie Jugend” comunista, de maneira que participava enérgico e extrovertido na vida política, mas tímido e curioso no acontecer amoroso, de maneira que me fascinavam as possibilidades de uma explicação psicanalítica. Nessa época, os psicanalistas de vanguarda em Zurique, como Paul Parin, Goldy Parin Mathey e Fritz Morgenthaler me animavam e impressionavam com as aventuras das suas viagens exploratórias pela África. E em 1968, apresentaram-se comprometidos com o “Manifesto de Zurique”, apoiando os movimentos da juventude. A teoria e a prática psicanalítica pareciam coincidir. As informações concernentes à relação entre marxismo e psicanálise, primeiro as de Wilhelm Reich (“Materialismo dialético e psicanálise” 1929) e Siegfried Bernfeld (“Socialismo e Psicanálise” 1926), mais tarde também em Erich Fromm (“Sobre o método e o que fazer de uma psicologia social analítica- observações sobre a Psicanálise e o Materialismo Histórico” 1932a) e Otto Fenichel (“Sobre a Psicanálise- gérmen de uma futura psicologia dentro do materialismo dialético” 1934) confirmam - apesar de alguma crítica detalhista e a controvérsia fundamental em torno das hipóteses de Freud sobre a pulsão de morte- o preconceito positivo: o pensamento freudiano é *materialista e dialético*, de modo que seu método resulta sumamente adequado para uma exploração dialética-materialista da vida anímica de sujeitos socializados (W. Reich).

A desilusão começou, sem remédio algum, quando ingressei no Seminário Psicanalítico de Zurique, na Kirchgasse, em 1968/69. Para permanecer livre e autônomo nas decisões de minha vida pessoal e na minha prática, sempre me neguei a “passar por um longo caminho nas instituições”, renunciei à formação psiquiátrica para me estabelecer num pequeno consultório como médico independente- e agora teria que me subordinar ao estatuto de “candidato”, sob o jugo do comitê examinador da Sociedade Suíça para Psicanálise (SGP)! Sob influência de meus irmãos mais velhos de análise (Piero Galli, Pedro Grosz, Berthold Rothschild, Judith Valk, Ilka von Zeppelin) do grupo de oposição da “Plataforma” cheguei a entender com o tempo, que a institucionalização havia feito do movimento psicanalítico uma *sociedade de crentes*, na qual a doutrina tinha que ser traduzida de uma geração para a seguinte sem alteração alguma (ver “Das interlakener Lehrstück” Plataforma 1974). Em outras palavras, a ortodoxia, assim como no mundo comunista, a burocracia de grêmios nacionais e internacionais, se interpunham no desenvolvimento criativo da disciplina. Sem dúvida, por muitos anos, tanto a teoria como a prática psicanalítica e a genial figura do fundador estavam acima de quaisquer incertezas. Naquele tempo, eu fazia diferença entre as ciências emancipadoras e a apropriação civil (Modena 1980) e me sentia apoiado pelos trabalhos de Paul Parin, que haviam sido publicados recentemente, nos quais demonstrava suas experiências nas investigações etnopsicanalíticas na África, estabelecendo comparações com as circunstâncias de nossa vida européia. A minha maneira de ver, estes trabalhos- sobretudo “Crítica a la Sociedad en el proceso de interpretación” (1975) e “El yo y los mecanismos de adaptación” (1977)-, assim como com os de Enzo Codignola, “Lo verdadero y lo falso” (Il vero e il falso, 1977), de Blarer/Brogles, “El camino es la meta” (1983) e de Fritz Morgenthaler “Teoría de la técnica” (1978) e “El diagnóstico del sueño”(1986), estabelecem um verdadeiro marco no desenvolvimento da teoria, em contraposição a um crente rebanho religioso de uma *psicanálise crítica*. Esta conclusão me parecia igualmente afinada com o desenvolvimento da teoria da personalidade borderline de Otto Kernberg (1975).

Entretanto, com certa postergação temporal, estava surgindo, a partir do movimento de mulheres, a crítica feminista da psicanálise, p. ex. com Kate

Millet (1971), Juliet Mitchell (1974), Luce Irigaray (1979), Christiane Olivier (1987). Sob a influência das mulheres ao meu redor então, sobretudo as da minha geração, Esther Modena Burkhardt, Ursula Hauser, Maya Nadig, e as da geração anterior como Marie-Claire Boons e Marie Langer, não me foi tão difícil assumir os aspectos fundamentais dessa crítica intelectual, ainda mais que a imagem de mulher de Sigmund Freud já me parecia por si mesma uma mistificação patriarcal (ainda que com isso ficava mais difícil mudar a prática conseqüentemente)- *mas com ele começou a tremor a edificação teórica freudiana*. Já tivera que fazer um grande esforço com a teoria da agressão, rejeitara por completo as hipóteses de pulsão de morte (Freud 1920), mas com a ajuda dos conceitos de Hartmann, Kris e Löwenstein (1949), de Alexander Mitscherlich (1969) e do já citado Erich Fromm (1972a) conseguira reconciliar-me com a psicanálise, ainda que implicasse repensar partes centrais da teoria, se é que realmente as mulheres representam “uma metade do céu”. Encontrei a fórmula para justificar Freud, o considerava pioneiro na investigação da sexualidade feminina, ainda que tampouco fora capaz de livrar-se dos preconceitos patriarcais de sua época. A partir da minha interpretação relativizei o conceito de inveja do pênis e a primazia da genitalidade e considerava o complexo de Édipo um sucesso “universal”, por se referir a uma época crítica do desenvolvimento próprio da entrada d@menin@ na sociedade (o que para nós seria a fase de latência), mas vivida de maneira única e diferente de cultura para cultura. Com isso se relacionava a importância dos destinos pré-genitais da libido com o “sentimento oceânico”. Em “El hombre embarazado” (Modena, 1984) me postulava pedante face ao desenvolvimento fálico masculino, e propus uma linha de desenvolvimento correspondente ao desenvolvimento “clitóris-vaginal”, fazendo a proporção de uma “vaginalidade” com uma “falicidade”. De Mario Erdheim (1982) retomei a imagem de um “derreter” das estruturas psíquicas congeladas na latência sob o impulso pulsional da puberdade e com ele mantive a tese da importância básica da adolescência na entrada do sujeito no mundo do trabalho.

Até certo grau cheguei a compreender a psicologia do si mesmo de Heinz Kohut (1971) como um aprofundamento da teoria do narcisismo de Freud. Sem dúvida o grupo Plataforma (PSZ hg.1981) se opôs vigorosamente à tentativa de substituir a teoria das pulsões por uma psicologia do si mesmo

“no sentido mais amplo” (1977). A minha maneira de ver hoje em dia, aquele momento, os integrantes da Plataforma, estávamos todos de acordo demais em rejeitar as grandes divergências: o biologismo evidente de Melanie Klein, assim como as novas interpretações freudianas até mesmo o existencialismo filosófico de Jacques Lacan nos pareciam insuportáveis. Apesar de que eu estava informado por meio de minhas conversas amistosas com Marie Langer e Armando Bauleo sobre o kleinianismo na América Latina, ou com Marie-Claire Boons sobre o estado do lacanismo em Paris, de modo que sabia que se podia unificar uma prática psicanalítica progressiva e até revolucionária com uma compreensão teórica correspondente, preferi *negar* tal conhecimento. Pude manter a negação por alguns anos, sem dúvida se tornava cada vez mais difícil com o progresso de ambas as teorias no âmbito lingüístico alemão. Foi impossível manter a dita negação na confrontação que surgiu quando, nós, em Zurique apoiamos o “Movimento de construção de Redes” (PSZ Hg.1987). Encontramo-nos com colegas com uma visão similar à nossa, franceses e ingleses críticos, de orientação marxista, que seguiam uma prática psicanalítica semelhante à nossa, apesar de refletir, essa prática, uma conceitualização teórica totalmente diferente. Pronto, cada vez mais colegas jovens do PSZ compreendiam e punham em prática a psicanálise a partir de uma perspectiva kleiniana ou lacaniana. Ainda que eu continue convencido, tal como antes, desde minha formação em Utoquai, com Parin e Morgenthaler, de uma psicologia crítica do eu, tive que reconhecer em mim fortes resistências internas: aparentemente existem outras direções – ainda que teoricamente incompatíveis com nossos conceitos- com as que se podia trabalhar e obter no mínimo o mesmo êxito. Através do trabalho de diferentes expoentes de nosso próprio grupo comecei a questionar criticamente e lamentar silenciosamente a forte rejeição a essas idéias divergentes, assim como à atitude intransigente daqueles colegas para conosco. Considero que este “Movimento de construção de Redes Psicanalíticas” fracassou devido a esta intolerante confusão lingüística, apesar de se ter manifestado que a postura dos diferentes grupos entorno da pergunta da avaliação do nacional socialismo na Alemanha era da maior importância. (Modena 1993)

II.

Finalmente, nos últimos anos, me chamou a atenção a *despolitização* nos círculos da PSZ. Oportunismo, consumismo e ecletismo ganharam mais força na “contra-instituição” autônoma, em geral bem sucedida, de modo que comecei a me perguntar se a relação entre prática “despolitizada”, arbitrariedade subjetiva na formação e apropriação da teoria realmente existe, mais além do que se pode atribuir ao tratado religioso dos ensinamentos que se referem à pessoa e ao pensamento do pai fundador. Coloquei a prova a minha hipótese com a teoria freudiana das pulsões, até finalmente ter que inspecionar positivamente meu preconceito (Modena 1996): assim como o mostraram os novos filósofos marxistas como Lichtman (1990) e Wolfenstein (1993), que se deram ao trabalho de analisar a psicanálise, o pensamento freudiano é no seu núcleo *dualista* e não *dialético*. Isso implica que só naqueles fragmentos teóricos da obra completa- como a teoria da formação do sintoma, destacada por Wilhelm Reich- que derivam da experiência clínica, persiste a racionalidade dialética. Freud só pôde abarcar a verdadeira dialética da vida psíquica humana quando trabalhava sobre o seu próprio “material”, em uma relação de transferência/contratransferência dialética com seus pacientes, da qual tirava conclusões teóricas *intuitivas*, apesar de serem contrárias à compreensão geralmente dualista.

Então, se a teoria freudiana não pode se proclamar como uma teoria pensada dialeticamente, tem ao menos uma orientação *materialista*? Freud, como médico marcado pelas ciências naturais e judeu secularizado, tem num sentido filosófico, uma atitude fundamentalmente materialista. O objeto que estuda- a vida psíquica do sujeito socializado- faz explodir o limite do explicável a partir do positivismo das ciências naturais, já que esse sujeito é apenas uma abstração, que não existe nem pode existir separado das relações sociais, culturais e de produção (ver Habermas “Auto-malentendido científico” do psicoanálisis). É necessário que a análise psicanalítica atravesse, no estudo de seu objeto- o sujeito- os limites das ciências naturais, em função da comunicação, da sociedade e da cultura. Freud, o médico, se vê fascinado por esta transgressão de limites, sendo fiel a seu objeto de estudo. Sempre permanece perto de suas manifestações vitais, mas não está equipado

metodologicamente para a compreensão da sociedade e da história, da arte e da literatura. Ao abandonar o campo clínico perde o marco de referência e o critério de verdade de sua técnica de interpretação. Aquilo que em “são sentido comum”, nunca educado filosoficamente, lhe parece compreensível, resulta numa projeção após uma análise detalhada, em que aplica corretamente um método científico apropriado. O idealismo especulativo dos “escritos culturais” justifica em outras palavras uma *concepção de mundo* que não tem direito de se fundamentar cientificamente- no âmbito empírico, nem hermenêutico. Entretanto, as imagens de ser humano e família da sociedade centro-européia de finais do século projetam-se sobre o mundo e a história mundial, o que nos conduz a uma metafísica freudiana que, seguindo a I. Sapir (1929/30), denominei “freudismo” (Modena 1996). Ainda mais: os fragmentos teóricos garantidos empiricamente que contém materialismo dialético e projeções idealistas-especulativas chegaram a se misturar na obra completa, de tal maneira que um certo orgulho desmedido e arbitrário adere à psicanálise como sistema completo. É esse conglomerado de *ciência e visão de mundo* o que se dogmatizou na comunidade psicanalítica, sobre o fundamento de uma universalização do conhecimento (Modena 2000). E é o exemplo do pai fundador, que bem é genial, resulta capcioso e megalomaniaco, o que seduz seus discípulos à imitação. Seguem-no com fervor, no melhor dos casos conscientemente assim como o fazem no PSZ Peter Passet, Peter Schneider e Olaf Knellessen na obra “Freud - Interpretação” (1994), usualmente de maneira inconsciente, devido a indiferenciações sem refletir que se “enredam” de uma geração à seguinte.

III.

Segundo tenho conhecimentos, o trabalho concreto de psicanalistas não tem sido investigado a partir de uma perspectiva marxista desde Alfred Lorenzer (1972, 1973, 1974) e Fritz Morgenthaler (1978). Hoje, quero apenas assinalar uma dificuldade especial dentro de nosso trabalho. Apesar de não existir espaço para a atenção psicanalítica nas instituições psiquiátricas e psicológico-pedagógicas, dependemos do trabalho na clínica privada, onde temos de aceitar um sem número de pacientes muito distintos entre si. A gama de psicopatologias diante de nossas portas está em estreita relação com os

múltiplos prejuízos sociais- como a imigração, o desemprego, a pobreza-. E cada “caso” é diferente. Pessoalmente não deixo de me maravilhar, após 30 anos de prática psicanalítica, me surpreendem pessoas em face a face ou no divã com giros inesperados, manifestações inauditas, resistências perspicazes e saltos criativos. Temos que reconhecer que muitas vezes topamos com os limites de nosso conhecimento, de maneira que não podemos continuar, insegur@s, quase desesperad@s. Temos que suportar essa insegurança e necessitamos orientação. Assim como Fritz Morgenthaler chegou a reconhecer, a teoria e a técnica têm essa função na orientação da cura e -quando esta tampouco nos permite chegar mais perto- a metapsicologia: os deveres técnicos e o conhecimento metapsicológico são nossas marcas de orientação, nossas balizas, quando envoltos em neblina, já nem sabemos onde estamos parad@s ou até mesmo aonde vamos. Quando com sua ajuda nos resulta seguir adiante com sucesso e quando o sol volta a brilhar sobre nós, acreditamos que podemos sair da zona de perigo graças a esses conceitos específicos e nos sentimos ideologicamente fortalecid@s em nossas suposições teóricas e técnicas. É por isso que considero que a função da teoria só é parcialmente de conteúdo, especificamente no âmbito da transferência / contratransferência, (o que é imprescindível se se quer chegar à interpretação correta, com “efeito mutativo” [Strachey, 1934]). Por outro lado, serve para proteger os psicanalistas de suas próprias dúvidas, para capacitá-los a superar suas dificuldades com seus pacientes e para manter sua relação com estes, podendo assim continuar com o processo analítico. A especificidade da teoria cumpre um papel subordinado dentro desta segunda função. Com isso quero dizer que muitas vezes se pode ter sucesso, aplicando por exemplo teorias da psicologia do eu, kleinianas ou outros conceitos clínicos, o primordial é que o paciente se sinta compreendido, que tenha confiança, e possa por conseqüência, abordar ele mesmo suas próprias facetas mais penosas ou temidas.

Agora, poderíamos fazer da necessidade uma virtude¹, negar o significado da especificidade de uma teoria psicanalítica e dar a palavra ao

¹ Dito popular alemão “Aus der Not eine Tugend machen”

ecletismo, assim como o fazem os representantes modernos de alguma psicoterapia geral (p. ex. Grawe, 1998), que naquele tempo foi aprovado no instituto Göring de Berlim. Atualmente, também, outras correntes terapêuticas têm êxito no tratamento de sintomas, inclusive os métodos sugestivos, desde a hipnose até a homeopatia, médicos naturalistas, quiromânticos e magos de todo tipo. Nesse sentido, não podemos argumentar com a cura de sintomas e medir segundo esta a verdade que fundamenta a teoria, mas em rebelião ao espírito neoliberal destes tempos, temos que aplicar medidas *éticas e estéticas*. Se levarmos a sério valores de liberdade e autonomia pessoal, consciência de responsabilidade, espírito de resistência, postura direta, mas também, consciências críticas não podem embalsamar nossos pacientes com versos curativos ou fazê-los dependentes de medicamentos químicos que mudam sua fisiologia cerebral. E no momento em que estamos convencid@s de que os sintomas são uma manifestação do conflito interno reprimido, não podemos nos dar por satisfeitos com a “sintomatologia cosmética”, nem com a cura milagrosa (a parte que, segundo o princípio da obsessão à repetição, qualquer fuga para a saúde culmina com a vingança da recaída sintomática ou a mudança de sintoma; a verdadeira cura espontânea de sintomas é rara, mas surge em situações nas quais o paciente, mais ou menos casualmente, entra em formas de vinculação externas que correspondem exatamente a sua estrutura de personalidade, de maneira que desaparecem os sintomas apesar de se manterem as circunstâncias inalteradas.) De um ponto de vista estético, uma teoria deveria ser “delgada”, livre de adornos, consistente em si mesma (com isso concorda Kurt Eissler no seu enfrentamento com Franz Alexander, (Eissler 1950)) e em qualquer caso, estar em consonância com os conhecimentos da época². Explicações tão esclarecedoras como as kleinianas, sobre a posição esquizo-paranóide e a depressiva (Klein, 1962), ou como a fase autística e simbiótica de Margareth Mahler (Mahler et al. 1978) devem ser revisadas, no caso que fiquem comprovadas como projeção do adulto no lactente (Stern 1983, Dornes 1997). (Logo voltarei a isso que de todo modo há

² No simpósio nomeado, em sua relação com a “Etnopsicanálise hoje” (p. 1), Mario Erdheim defende convencido a tese, que durante a criação de teorias os cientistas entram em becos sem saída, que sem dúvida podem ser indispensáveis para o desenvolvimento do pensamento. Isto não pode significar que se justifique, idealize ou planeje os becos sem saída de antemão ou *a posteriori*, quando já se avançou,- (como se fez repetidas ocasiões com os “escritos culturais“ freudianos).

“algo certo” nesse tipo de teoremas antiquados ou de “construção defeituosa“.) Resumindo, pode-se dizer que a experiência clínica é muito importante na construção de teorias, ainda que seu papel não seja exclusivo a ela. *O empirismo de nosso laboratório experimental privado todavia tem que entrar em concordância com os conhecimentos das disciplinas vizinhas, assim como com critérios morais e há de corresponder aos requisitos da lógica científica.*

IV.

Sob a suposição que nossa lógica científica deve ser dialética-materialista -assunto que não quero explicitar mais no marco deste manifesto-, apresentavam-se uma série de problemas na renovação necessária das teorias contemporâneas psicanalíticas. Em primeiro lugar, trata-se de uma revisão da obra freudiana sobre a base da sua consistência e de algumas partes específicas com vistas aos conhecimentos contemporâneos, como de uma revisão de sua lógica interna, para criticá-la e onde fosse necessário, desenvolvê-la. Em um segundo momento, deveria se desenredar do labirinto lingüístico entre psicanalistas, isto é, revisar sob um comum denominador os diferentes “dialetos“ para conseguir uma linguagem comum. Minha hipótese de trabalho é que tanto a psicologia da pulsão, do eu e do si mesmo, como Klein e Lacan captaram corretamente aspectos da complicada dialética das linhas de desenvolvimento das pulsões, do eu, do si mesmo e das relações objetais, mas deram um *acento unilateral ou totalmente generalizado* aos seus desenvolvimentos teóricos, deixando de lado o resto da teoria. Trata-se então de investigar mais detalhadamente, o que nos diferentes sistemas pode ser generalizado e o que representa uma lógica privada pouco frutífera de grupos individuais que rivalizam entre si. Só mediante um esforço “secular“ deste tipo (retomando um conceito de Berthold Rothschild, 1988) se pode demonstrar, o que é e o que não é compatível. Denomino este trabalho, que deve ser compreendido como um trabalho radical dos próximos anos, “Projeto de uma Psicanálise Crítica“ (Projekt Kritische Psychoanalyse) e confio que colegas de orientação marxista *all over the world (de todo o mundo)* se façam presentes. Deu-me muita alegria que Robert D. Hinshelwood (Londres), sendo kleiniano, tenha começado por sua própria iniciativa, com a “tradução“ de conceitos kleinianos na linguagem da Psicologia do eu, em sua relação com a repressão

e a dissociação (Zurique 1999). Podemos nos considerar afortunados de termos na Fundação para a Psicoterapia e a Psicanálise, na relação com o Seminário Psicanalítico de Zurique, instituições de oposição que podem fomentar esse processo através de colóquios, conferências individuais e ciclos de conferências. Estou convencido de que um enfrentamento coletivo de espírito anti-sectário, mas confrontativo, seria apropriado para mudar em longo prazo a prática clínica e o trabalho cultural, para fortalecer e ancorar socialmente uma postura de uma *psicanálise crítica* frente ao já nomeado “mainstream” mitologizante. A seguir gostaria de explicitar o que quero dizer por meio de três exemplos. Trata-se, em primeira instância, de uma desmitologização da teoria pulsional freudiana, de um esclarecimento da pergunta pela eleição de neurose, isto é, da dialética entre a realidade interna e a externa, e finalmente, a continuação de uma discussão séria em torno de conceitos kleinianos a partir de uma postura da psicologia do eu.

V.

1.

A meu ver, podemos encontrar nos “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905), isto é, na primeira teoria pulsional freudiana, o fundamento para uma análise dos desenvolvimentos libidinais e agressivos. Sem dúvida, Freud não continuou o desenvolvimento da teoria da agressão ao construir sua teoria. Além disso, transportou com sua hipótese de nirvana, a relação entre a tensão pulsional e sua satisfação correspondente às circunstâncias somáticas, face aos mecanismos de funcionamento do aparato psíquico. Mas, na *experiência psíquica*, a pulsão se torna “irracional”: o menino tende insaciavelmente ao princípio de prazer, à repetição de tudo aquilo que produz diversão, até alcançar o esgotamento corporal. E o adulto o faz de uma maneira similar desde a integração do princípio de realidade. Para maximizar o prazer, ativa todos os meios de ajuda técnicos e psicológicos, que estão à disposição do eu (segundo a estrutura de personalidade e em certas circunstâncias até alcançar a ruína corporal!). Quando Alfred Adler apresentou-se no congresso de Salzburgo, em 1908, com suas próprias teorias da agressão, (Adler 1908b, “Sadismo em vida e neurosis”), Freud, que parecia ter enrijecido o desenvolvimento de sua teoria libidinal, não estava disposto a

reconhecer em toda sua dimensão o aporte –a meu ver - construtivo de seu discípulo, o que, somado a uma série de diferenças de opinião, conduziu, em poucos anos, à separação. Em consequência, Freud se viu pressionado a explicar o narcisismo unilateralmente como investidura libidinal do eu (1914). Em seu fervor pela teoria libidinal, passou por alto que assim como as pulsões sexuais, a satisfação das pulsões egóicas também gera prazer, tendo um efeito de auto-reconhecimento. Por certo, se trata nesse caso de uma forma de afeto distinta. A alegria que evidentemente manifesta um/a bebê já maior quando consegue agarrar o chocalho e levá-lo à boca, se nutre de energia agressiva e não libidinal, conformando-se como um antecedente do orgulho. @menin@ de um ano que consegue acalmar sua pulsão de apoderamento por meio de uma ação acertada, vive a sensação de *poder* e sente *orgulho*, mas se fracassa, se sente *impotente* e se *envergonha*, o que com o transcorrer do tempo se desenvolve como um narcisismo são ou um complexo de inferioridade. Inclusive o primeiro ato -sem tomar em conta a primeira inspiração ou o primeiro grito de vida- o agarrar com a boca, por meio do reflexo de sucção, o peito materno ou a mamadeira, é um ato de natureza agressiva. A libidinização da sucção do seio materno é um sucesso secundário, criado pelo objeto (isto é, a mãe) que estimula a zona erógena oral e todo o corpo d@ lactante. Quando conseguimos liberar a agressão de sua conotação semântica de destruição e podemos compreendê-la livre de preconceitos, como *força de vida*, fica claro que a satisfação gera um sentimento de auto-estima positiva. Se denominarmos esta energia de pulsão agressiva, em analogia com a libido, fica mais fácil explicar que no desenvolvimento posterior agressividade e libido se *entrecruzam* (e também podem se neutralizar), de maneira que sob influência da realidade exterior se desenvolvem as formas de comportamento nas relações com o mundo dos objetos e consigo mesm@- desde a ternura e a sensualidade até o sado-masiquismo e a fúria de destruição. Deixar escapar esta compreensão do fenômeno gerou, em Freud envelhecendo, a urgência de postular, com sua hipótese da pulsão de morte, uma teoria da agressão mitológica. Eros e Tanatos são suas criações metafísicas, que tinham que preencher os vazios de sua teoria pulsional, que ele próprio chegou a reconhecer de algum modo no fim da sua vida, quando em 1933 escreve: "...as pulsões são seres míticos, grandiosos em sua ambigüidade. Não podemos

deixar de tomá-los em conta nem por um momento em nosso trabalho e no entanto nunca estamos seguros de vê-los claramente...” (Freud,1933, p. 101)

2.

Foi Paul Parin que uma vez, estando ainda em análise com ele, me chamou a atenção sobre o problema da eleição da neurose. De fato, custa-nos muito compreender por que uma pessoa desenvolve em momentos determinados sintomas neuróticos específicos. Claro que já faz muito inventamos construtos para compreender que uma estrutura neurótica, marcada desde a primeira infância por traumas contínuos ou esporádicos, sai dos trilhos diante de circunstâncias exteriores pouco favoráveis. A neurose é entendida como um comportamento irracional, não adaptado à realidade externa. Certamente, isto já implica que existe uma interação entre realidade interna e externa, sim, uma interdependência. Mas, como podemos entender isto mais especificamente? Em nossa clínica, existem poucas neuroses puras, assim como tampouco existem pessoas totalmente unidimensionais. Usualmente enfrentamos *neuroses mistas*, as que colocamos na raiz de certas características em uma ou outra neurose ou estrutura de personalidade. Mas se nos concentramos na organização defensiva de uma pessoa, encontramos toda uma gama de mecanismos primitivos e maduros, que se mesclam entre si em uma proporção específica, de modo que o diagnóstico só pode ser construído a partir de apreciações quantitativas destas diferentes defesas (Modena 1982). Esta apreciação econômica foi tomada de uma situação de entrevista padronizada. Por outro lado, sabemos que o sujeito pode e, às vezes, tem que se adaptar à circunstâncias exteriores. Inclusive pode, com muito prazer, *regredir* a formas de comportamento de sua primeira infância (como no jogo ou no amor), o que Ernst Kris denomina uma “regressão a serviço do eu”, que é reversível (1977). Mas também pode ter uma regressão para situações nas quais não sabe como se ajudar diante da pressão de fortes ameaças, como por exemplo, no estado prolongado de desemprego (Morgenroth, 1990). Tais atitudes regressivas podem fixar-se -quando perduram por longos períodos de tempo- (nos referimos neste caso às regressões egóicas ou sistêmicas [ver Nagera, 1974, p. 436]). Podem aparecer maciçamente em situações de crises políticas ou de catástrofes, o que seria

dentro da psicologia de massas o solo fértil para regimes autoritários (ver Bernard W. Sigg “O arcaico ataque tormentoso à República” em: Modena “A Síndrome Fascista”, 1998). Além do mecanismo relativamente *vertical*, em que o eu e/ou o supereu se voltam para formas de comportamento primárias, também existem mecanismos *horizontais*, isto é, contradições e conflitos intra-sistêmicos. Parto de, por exemplo, um conflito de consciência com a realidade exterior, que resulta determinante: “a oportunidade faz o ladrão”, nos ensina o dito popular alemão. Mas também pode acontecer, que um supereu estrito se mostre imune ante a tentação exterior. Ao ser a realidade exterior igualmente contraditória –inclusive nesta o corpo, a rede de relações objetivamente existente, a situação econômica e as relações de produção- estes dois sistemas móveis e em certo grau dinâmicos se chocam, de maneira que nos vemos forçados a revisar *o lado principal do conflito* (Mao Tse- Tung, 1968) em cada caso individual. Conforme for esta relação, o eu estará em harmonia com o isso ou com o supereu, mas contra a realidade exterior, ou em harmonia com a realidade exterior mas contra o isso ou o supereu- ou se desvia neuroticamente. Um caráter obsessivo, por exemplo, pode dar uma volta na realidade sob circunstâncias exteriores flexíveis e permissíveis, e em outro momento descompensar diante de uma forte pressão social. Um psicótico arrastado por um intenso delírio religioso, dentro das circunstâncias sociais atuais, usualmente termina num manicômio, mas também pode chegar a ser Santo, líder de uma seita ou fundador de uma religião... Então, se temos que contar com tal emaranhado íntimo de dentro e de fora, nos é permitido considerar a realidade exterior “em média esperada” (Heiz Hartmann) ou toda depreciável na análise da personalidade? Circunstancialmente, este reducionismo psicanalítico pode tornar-se muito significativo para fins terapêuticos, mas, de nenhum modo, há de ser generalizado como método de eleição ou antropologia -como acontece quase sempre nos nossos círculos! Só podemos esclarecer a pergunta da eleição neurótica se conseguirmos considerar todas as circunstâncias para entender por que para um sujeito particular em um momento determinado de sua vida prefere a formação de um sintoma específico que represente a melhor alternativa de solução de seus conflitos. A frase marxista “o ser determina a consciência” coincide, se

somarmos ao ser a totalidade de relações conscientes e inconscientes, sociais e individuais.

3.

Definitivamente, Melanie Klein merece o reconhecimento por ter sido a primeira a conceber e elucidar uma teoria psicanalítica do desenvolvimento pregenital, que supera o *falocentrismo* freudiano e dirige acertadamente sua atenção para os destinos pulsionais da agressão. Descobriu e descreveu mecanismos defensivos precoces a partir de suas observações clínicas para formular uma frutífera teoria da psicose. Com isso, pôde dar determinantes e importantes impulsos novos à psicologia pulsional. Mas ficou fixada, por um lado, à hipótese da pulsão de morte e, por outro, levou a exageros e generalizações *matricêntricas*, como por exemplo na apresentação de um seio “bom” e um “mau” como objetos parciais. Antes, eu considerava todo seu construto teórico inaceitável, por ter se baseado em premissas equivocadas da fixação hereditária da pulsão de morte, do eu e do complexo de Édipo, que começavam a ter efeito imediatamente após o nascimento. Hoje, suponho que essas suposições básicas em sua teoria representam a intenção, de uma fiel discípula freudiana, de compreender suas observações clínicas e seus descobrimentos no trabalho com crianças em concordância com as idéias do pai fundador. Parece-me que se olharmos além do biologismo e percorrermos sua psicologia do desenvolvimento por uns meses e -no caso do complexo de Édipo, por uns anos - dentro do plano temporal, seus conceitos podem ser compatíveis com os de Anna Freud (1933), René Spitz (1957) e Margareth Mahler, ainda que também teríamos que chegar a que estes estejam em consonância com os conhecimentos da investigação do desenvolvimento infantil contemporâneo (me parece que o problema do autismo e da simbiose, como a pergunta pelas fantasias inconscientes não de ser esclarecidas). Mas além desse tipo de correções, a maneira de trabalhar dos kleinianos me parece bastante problemática: com certeza os mecanismos defensivos precoces persistem durante toda a vida, mas a organização defensiva do eu se transforma fundamental- e *qualitativamente* no processo de maturação, como reflete Otto Kernberg na análise da organização borderline da psique. Nela, como também na formação neurótica do aparato psíquico, se suprimem, no

sentido da dialética, os mecanismos psicóticos das posições esquizo-paranóides e depressivas. Pessoas com uma personalidade psicótica, borderline e neuróticos são estruturalmente diferentes, o que resulta em relações afetivas e sociais claramente distintas. Só sob circunstâncias inusitadas e forte pressão da realidade exterior pode se desenvolver uma regressão do sistema ou inclusive uma fragmentação do eu e um autismo secundário, como no caso de grandes traumas por violação, privação sensorial, tortura e ameaça aguda e repetida da vida mediante perseguição política ou guerra (ver do Rosario 1992).

Endereço do autor:

Emilio Modena, Ausstellungsstrasse 25, CH-8005 Zurique

Tel.: 01 272 92 16

Fax da Fundação para Psicoterapia e Psicanálise: 01 272 92 34

E-mail: emodena@dplanet.ch

Bibliografía:

- Adler A. (1908b): Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose, Fortschritte der Medizin, Leipzig, p. 577-588
- Bernfeld S. (1926): "Sozialismus und Psychoanalyse", en: Psychoanalyse und Marxismus- Dokumentation einer Kontroverse, Frankfurt a. M. 1970
- Von Blarer A. Y Brogle I. (1983) "Der Weg ist das Ziel- Zur Theorie und Metatheorie der psychoanalytischen Technik" en: Hoffmann S. O. Deutung und Beziehung, Frankfurt a. M.
- Codignola E. (1977/1986): Das Wahre und das Falsche- Essay über die logische Struktur der psychoanalytischen Deutung, Frankfurt a. M. (Título en italiano: Il ver e il falso, Milano)
- Dornes M. (1998): Die frühe Kindheit- Entwicklungspsychologie der ersten Lebensjahre, Frankfurt a.M.
- Eissler K. (1950) The Chicago Institute of Psychoanalysis and the sixth period of the development of psychoanalytic technique, J. Gen. Psychol. 42, pág. 103-157
- Erdheim M. (1982): Die gesellschaftliche Produktion von Unbewusstheit- Eine Einführung in den ethnopsychanalytischen Prozess, Frankfurt a. M., pags. 271
- Fenichel O. (1934): "Über die Psychoanalyse als Keim einer zukünftigen dialektisch- materialistischen Psychologie", en: Aufsätze, Tomo I, Olten y Freiburg iBr. 1979
- Freud A. (1993): Zur Psychoanalyse der Kindheit- Die Harvard – Vorlesungen, Frankfurt a. M.
- Freud S. (1905): "Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie" en: Gesammelte Werke Tomo V do. (1914): "Zur Einführung des Narzissmus" en: Gesammelte Werke Tomo X do. (1920): "Jenseits des Lustprinzips" en: Gesammelte Werke Tomo XIII do. (1933): "Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse" en Gesammelte Werke Tomo XV Fromm E, (1973a): "Anatomie der menschlichen Destruktivität" en: Gesamtausgabe Tomo VII, München 1989 do. (1932a): "Über Methode und Aufgabe einer Analytischen Sozialpsychologie- Bemerkungen über Psychoanalyse und historischer Materialismus" en: Gesamtausgabe Tomo I. Grawe K. (1998): Psychologische Therapien, Göttingen
- Handbauer B. (1990): Die Adler- Freud- Kontroverse, Frankfurt a.M.
- Hartmann H, Kris E. Y Loewenstein R. M. (1949): Notes on the Theory of Aggression, The Psychologic Study of the Child, Tomo III/ IV Nueva York
- Hinshelwood R. D. (1999): "Controversy is the Growing Point" Seminario en el PSZ (traducido al alemán "Kontroversen fördern die Weiterentwicklung". Verdrängung oder Spaltung) Material del PSZ
- Irigaray L. (1975): Das Geschlecht das nicht eins ist, Berlin
- Kernberg O. (1975) Borderline Conditions and Pathological Narcissism, Nueva York
- Klein M (1962): Das Seelenleben des Kleinkindes und andre Beiträge zur Psychoanalyse, Stuttgart.

- Kohut H. (1971): The Analysis of the Self, London do. (1977): The Restoration of the Self, London
- Kris E. (1953/1977): Psychoanalytic Exploration in Art, Nueva York. Traducción alemana: Die ästhetische Illusion- Phänomene der Kunst in der Sicht der Psychoanalyse, Frankfurt a. M.
- Lichtman R. (1986/1990): The Production of Desire- The Integration of Psychoanalysis into Marxist Theory, Nueva York, traducción alemana: Die Produktion des Unbewussten- die Integration des Psychoanalyse in die Marxistische Theorie, Hamburg/Berlin.
- Lorenzer A. (1972): Sprachzerstörung und Rekonstruktion- Vorarbeiten zu einer Metatheorie der Psychoanalyse, Frankfurt a. M. do. (1973): Über den Gegenstand der Psychoanalyse oder: Sprache und Interaktion, Frankfurt a. M. do (1974): Die Wahrheit der psychoanalytischen Erkenntnis- Ein historisch-materialistischer Entwurf, Frankfurt a. M.
- Mahler M. S., Pine F y Bergman A. (1975/1978): The psychological Birth of the Human Infant, Nueva York. Traducción al alemán: Die psychische Geburt des Menschen, Frankfurt a. M.
- Mao Tse-Tung (1968): "Über den Widerspruch", en: Ausgewählte Werke, Tomo 1, Pekín
- Millet K. (1971/1974): Sexual Politics, Nueva York. Traducción alemana: Sexus und Herrschaft. Die Tyrannei des Mannes in unserer Gesellschaft, München
- Mitchell J. (1974/1976): Psychoanalysis an Feminism, Nueva York. Traducción alemana: Psychoanalyse und Feminismus. Freud, Reich, Laing und die menschliche Aggressivität, Frankfurt a. M.
- Mitscherlich A. (1969): Die Idee des Friedens und die menschliche Aggressivität, Frankfurt a. M.
- Modena E. (1980): Marxismus, Freudismus, Psychoanalyse 1975, con un epílogo 1980, Psychoanalyse 3 do. (1982): "100 Jahre Hysterie", conferencia en la clínica psiquiátrica Burghölzli, Zürich, manuscrito no publicado. do. (1984): "E.B.-Der Schwangere Mann- Über den Gebärneid des Mannes und seine Überwindung", Conferencia en la Vernissage Enzo Buteras en el Restaurant Cooperativo, Zürich, 1983, en: Journal 9/1984 y algunas partes en: Psychologie heute 12/1986, Erziehung heute 2/1990. do. (1993): "Hoffnungsvoll verzweifelt: Eine Neue Freudsche Linke im Spiegel ihrer internationalen Kongresse- Vernetzungsgeschichten *between the devil and the deep blue sea*", Luzifer Amor 12 do. (1996): "Psychoanalyse und Freudismus. Zur Aktualität einer marxistischen Freud- Kritik" 1995, exemplifiziert am Versuch einer Neuinterpretation der Trieb- Theorie, en: Psychoanalytische Blätter 5 do.Hg. (1998): Das Faschismus-Syndrom- Zur Psychoanalyse der Neuen Rechten in Europa, Giessen do. (2000): "Selbstverwaltete Psychoanalyse- Zürich zum Beispiel", texto tomado del coloquio "Psicoanálisis", por publicarse.
- Morgenroth C. (1990): Sprachloser Widerstand- zur Sozialpathologie der Lebenswelt von Arbeitslosen, Frankfurt a. M.
- Morgenthaler F. (1978): Technik- Zur Dialektik des psychoanalytischen Praxis, Frankfurt a. M. y Nueva York do. (1986): Der Traum- Fragmente zur Theorie und Technik der Traumdeutung, Frankfurt a. M. y Nueva York

- Nagera H. (1974): Psychoanalytische Grundbegriffe, Frankfurt a. M.
- Olivier Chr. (1987): Jokastes Kinder- Die Psyche der Frau im Schatten der Mutter, Düsseldorf.
- Parin P. (1975): "Gesellschaftskritik im Deutungsprozess" en: Der Widerspruch im Subjekt- Ethnopsychanalytische Studien, Frankfurt a. M. 1978 do. (1977): "Das Ich und die Anpassungsmechanismen", en: op.cit.
- Passett P. (1994): "Die Wiederkehr des Religiösen in der Psychoanalyse: Freuds kritische Analyse der Religion als Darstellung der latenten Struktur seines wissenschaftlichen Denkens", en: Schneider P. et. alt. Freud- Deutung- Traum- Narzissmus- Objekt- Religion, Tübingen.
- Plattform Zürich (1974): "Das Interlakener Lehrstück" manuscrito no publicado, traducción al italiano "Psicoterapia e Scienze Umane" 4/1975, Milano. Como documento en redacción "psicoanalisi e psicoanalisti".
- PSZ Hg.(1981): Die neuen Narzissmustheorien: Zurück ins Paradies?, Frankfurt a. M. do. (1987): Between the devil and the deep blue sea- Psychoanalyse im Netz, Freiburg i.Br.
- Reich W. (1929): Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse, a.a.O.
- Del Rosario Arregui de Azpiroz M. (1992): "Über einen Verlust ohne Trauer. Einige Bemerkungen zur Übertragung in der Psychotherapie mit Opfern des Staatsterrorismus", en: Werkblatt 29/30
- Rothschild B. (1988): "Einführung in die Idiotenproblematik" en: Journal 18
- Sapir I. (1929/1930): "Freudismus, Soziologie, Psychologie", a.a.O.
- Spitz R. (1957/1970): No and Yes. On the Beginning of Human Communication, Nueva York. Traducción alemana: Nein und Ja. Die Ursprünge der menschlichen Kommunikation, Stuttgart.
- Sigg B.W. (1998): "Das Archaische im Sturmangriff auf die Republik", en: Modena op. cit.
- Stern D. (1985): Die Lebenserfahrung des Säuglings, Stuttgart 1992
- Stracheys (1934): "The Nature of the Therapeutic Action of Psychoanalysis" en: Paul L. Hg. (1963): Psychoanalytical Clinical Interpretation, London.
- Wolfenstein E.V. (1993): Psychoanalytic- Marxism Groundwork, London.